

A IDEIA

revista de cultura libertária

fundador e proprietário João Freire
 director e editor António Cândido Franco
 editor gráfico Luiz Pires dos Reis
 redactor-adjunto João Mendes de Sousa

imagens (para este número): Aldina, Almerinda Pereira, Ana Rita, Antonio Sáez Delgado, António Salvado, Aube Breton-Elléouët (contracapa), Bruno Béu, Dominique Labaume, Fundação Cupertino de Miranda, Isabel Castro Henriques (Alfredo Margarido), Lagoa Henriques (herdeiros), Laurens Vancrevel (Brumes Blondes), Manuel Silva-Terra, Mário Cruz, Miguel de Carvalho, Nicolau Saião, Raquel Nobre Guerra e Rui Martinho (espólio de Virgílio Martinho).
 capa Mário Botas, Retrato de Cruzeiro Seixas (montagem fotográfica, tinta da china e guache s/ papel, 1973, col. Cruzeiro Seixas – Fundação Cupertino de Miranda)
 periodicidade anual (número duplo)

endereço rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal.

endereço electrónico acvcf@uevora.pt

blogs <http://aideialivre.blogspot.com>; editorialicome.blogspot.com

depositários Livraria Ler Devagar: rua Rodrigues Faria (Lisboa Factory), 103, Lisboa; Livraria Uni-Verso: rua do Concelho, 13, Setúbal; Editora Licome: rua Conde de Monsaraz, 2, 7005 Évora.

impressão Guide, artes gráficas, lda.

depósito legal 365900/13

registo do título 104 197

ISSN 0870-6913

A *Ideia* é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção; através da criação poética e artística, da expressão filosófica, da pesquisa social e da investigação histórica procura criar as bases dum espírito livre, criativo e solidário, contributo efectivo para a realização de todos os seres vivos.

Tirando este principio geral, suficiente porém para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática – ao menos para já. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua publicação ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Não se segue uma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir.

AS CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA.

DESEJA-SE PERMUTA.

PIDESE CANJE.

ON DEMANDE L'ÉCHANGE.

CHIEDESI SCAMBIO.

WE ASK FOR EXCHANGE.

MAN BITTER UM AUSTAUSCH.

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 16 – n.º 71-72 – Outono de 2013

| | | | |
|---|----|---|-----|
| ÍNDICE | 1 | Júlio Conrado | |
| | | Mário Henrique Leiria – o Vizinho surreal | 89 |
| DECLARAÇÃO | 3 | Gabriel Rui Silva | |
| A revista <i>A Ideia</i> em perspectiva | 4 | Casos de Direito Galático – Mário Henrique Leiria | 95 |
| I SURREALISMO EM PORTUGUÊS | 13 | João Freire | |
| Mário Cesariny | | Mário Botas e Pedro de Sousa | 99 |
| Carta a Afonso Cautela | 15 | José Manuel de Vasconcelos | |
| Cruzeiro Seixas | | Mário Botas e o Surrealismo | 101 |
| Carta Inútil e Comunicação quase Automática sobre D. Sebastião. | 17 | José Maria Carvalho Ferreira | |
| Alfredo Margarido | | Em Memória de Mário Botas | 108 |
| Os últimos inéditos | 21 | Sofia A. Carvalho | |
| João Rui de Sousa | | Leituras do Inferno em Ernesto Sampaio | 110 |
| Parafraseando Cesariny | 26 | Almerinda Pereira | |
| Albano Martins | | Luiz Pacheco – a Vida num Biscate | 118 |
| Dívida a Cruzeiro Seixas | 28 | Claudio Willer | |
| António Salvado | | O Surrealismo no Brasil | 126 |
| O Café Gelo e as <i>Folhas de Poesia</i> | 31 | Paulo Jorge Brito e Abreu | |
| António de Macedo | | Poesia de António Maria Lisboa | 135 |
| Lima de Freitas: a surrealidade do Graal | 34 | Carlos Mota de Oliveira | |
| Pinharanda Gomes | | Carta a Cruzeiro Seixas | 138 |
| António Maria Lisboa: uma gnoseologia lógico-poética | 49 | Pela mão da noite – a Artur Cruzeiro Seixas | 140 |
| Afonso Cautela | | Pessoa escutou atentamente Cesariny | 140 |
| Surrealismo & Surrealistas | 57 | Manuel Silva-Terra | |
| Fernando Grade | | Poema visual | 141 |
| Ao Surrealismo disse tudo | 67 | Isabel Guimarães | |
| Nicolau Saião | | MA-NIF-EST-SUR-REAL-IN-i ! | 142 |
| Mário, Ele Próprio e Nós Outros | 71 | Luiz Pires dos Reis | |
| Maria Estela Guedes | | Da ossóptica guilhotina-err: o próprio dos novos amorosos | 143 |
| I. Carlos Eurico da Costa | 76 | Jorge Telles de Menezes | |
| II. Herberto Helder – é e não é um poeta surrealista | 77 | Extensão do Rossio – a António Maria Lisboa | 145 |
| Pedro Martins | | Amadeu Baptista | |
| De Telmo a Herberto, os Passos em Volta | 80 | Cinco Saltos com os Surrealistas | 146 |

| | | |
|---|-----|-----|
| Alexandre Vargas | | |
| Alexandre O'Neill e Mário Cesariny | 148 | |
| João Carlos Raposo Nunes | | |
| Para Antº. Barahona da Fonseca | 149 | |
| Nunes da Rocha | | |
| Petição (segundo Ângelo de Lima) | 150 | |
| Carta (entreatada) ao Galimar da rua da Emenda | 151 | |
| Abel Neves | | |
| [fragmento] | 153 | |
| Délio Vargas | | |
| Torres | 154 | |
| Manuel Silva Ramos | | |
| A poesia é quem mais ordena o fogo cruzado | 156 | |
| Sobre Ernesto Sampaio | 161 | |
| Fernando Cabral Martins | | |
| Mário Cesariny: uma arte de cordel | 164 | |
| António Cabrita | | |
| Capelas Imperfeitas: a Festa da Inteligência | 168 | |
| Maria de Fátima Marinho | | |
| O Surrealismo e o Real Quotidiano | 171 | |
| Fernando B. Martinho | | |
| Lembrança de António José Forte | 177 | |
| Carlos J. Figueiredo Jorge | | |
| À Memória de António José Forte | 180 | |
| António José Forte | | |
| Cem Anos de Anarquismo | 184 | |
| Virgílio Martinho | | |
| Café Gelo – Retratos | 185 | |
| Manuel G. Simões | | |
| Carlos Loures, a Pirâmide e o Café Gelo | 187 | |
| António Cândido Franco | | |
| André Breton, Libertário e Automatista | 191 | |
| Pirâmide – uma revista do surrealismo português | 201 | |
| Ruy Ventura | | |
| O surrealismo e as suas consequências absolutas | 206 | |
| João Mendes de Sousa | | |
| À Procura de Al Berto | 211 | |
| Rui Sousa | | |
| Dois Textos | 214 | |
| Nádia Silvestre | | |
| “Não vos inquieteis, é a realidade que se engana” | 220 | |
| António Gonçalves | | |
| O Centro de Estudos do Surrealismo | 223 | |
| Miguel de Carvalho | | |
| O Surrealismo Hoje | 225 | |
| Sumário Cronológico do Surrealismo Português | | 228 |
| Documento | | |
| (Her de Vries e Laurens Vancrevel) | 233 | |
| II ENTREVISTA | | |
| Maria Teresa Horta | | |
| entrevistada por Fabio Mario Silva | 234 | |
| III NOTAS & COMENTÁRIOS | | 237 |
| Jorge M. Colaço | | |
| Louis Lecoin | 240 | |
| João Freire e Paulo Guimarães | | |
| O projecto MOSCA | 243 | |
| António Cândido Franco | | |
| Biblioteca “Textos Livres” | 246 | |
| Joaquim Palminha Silva | | |
| Manifesto Anti-Turístico | 248 | |
| IV Arquivo & Registo | | 251 |
| Colaboradores | | 281 |

DECLARAÇÃO

A revista *A Ideia* entra com este número em nova fase de existência, que em nada significa uma ruptura com o seu percurso anterior. Mantém-se a série de publicação e o contínuo numérico; por sua vez a alteração no subtítulo nada mais faz do que manifestar aquilo que já era claro para o leitor atento dos últimos tempos. *A Ideia* é hoje sobretudo uma publicação vocacionada para ser uma revista de cultura, sem com isso querer deixar de ser uma revista libertária.

Mais do que valorizar à partida qualquer manifestação cultural, num espírito aberto, mas amorfo, prezamos as expressões culturais singulares que se mostrem avanços de liberdade, de humor, de criação. A cultura dos mandarins, a cultura mediática, a cultura repetida, a cultura ridícula das academias, a cultura vedeta, a cultura da concorrência, a cultura dos sabichões, a cultura do grande comércio não nos interessa; acarinhámos a cultura irreverente e libertadora, a cultura activa dos singulares, a cultura invisível. É com ela que se constrói o desejo, não com a outra.

Dedicamos este número d' *A Ideia* ao surrealismo, paradigma modelar de cultura libertária. Homenageamos alguns dos criadores que entre nós melhor assumiram o espírito pós-civilizacional do movimento, alguns deles colaboradores desta revista de longa data, e damos um contributo ao conhecimento do espírito da corrente e do que nele houve e há de libertário. André Breton, o espírito aquilino e altivo que catalisou a escola, também aqui comparece com informação inédita em português, alguma sobre Louis Lecoin. Ao surrealismo dedicou *A Ideia* o seu primeiro texto em 1981 (pela mão de Nicolau Saião), ao surrealismo voltou logo depois (com Cesariny, Lisboa, Alves dos Santos e outros), ao surrealismo regressa agora e no próximo número (Primavera – 2014), desdobrando e alargando este. Ao surrealismo regressará sempre e sem fim.

Uma última palavra para a entrevista inédita com Maria Teresa Horta, uma das mulheres portuguesas que mais fez entre nós pelo feminismo e a quem desde este pórtico agradecemos a deferência. *A Ideia* tem em Emma Goldman uma referência tutelar e no feminismo uma das suas bandeiras culturais mais antigas e mais firmes.

A REVISTA A IDEIA EM PERSPECTIVA – IDEÁRIO E ITINERÁRIO

A revista *A Ideia* completará em Maio do próximo ano quarenta anos de vida. Ao longo de quatro décadas publicou setenta e dois números, o que dá pouco menos do que dois números por ano. Para além dos números, a revista deu à estampa ainda uma quantidade apreciável de suplementos, de brochuras, de desdobráveis, de comunicados de imprensa e de outras notas impressas. Para uma noção deste volume do trabalho, deixe-se o balanço que a revista fez no momento em que passavam dez anos sobre a edição do primeiro número (n.º 32-3, Abril, 1984, p. 59). Ai se diz que a revista, entre 1974 e 1983, publicou trinta e um números (incluindo sete duplos, num total de vinte e quatro tomos), oito brochuras, vinte e oito panfletos e desdobráveis, vinte e cinco comunicados à imprensa, um postal, um autocolante e uma serigrafia (Mário Botas). A propósito deste aniversário, a revista *A Ideia* promoveu no Teatro Vasco Santana (Feira Popular), em 29 de Novembro de 1984, o espectáculo “10 Anos d’ *A Ideia*”, em que estiveram presentes cerca de cento e cinquenta pessoas. Entre a assistência lembramo-nos de ver Mário Cesariny e Ruy Cinatti e entre os que subiram ao palco António Macedo e Glicínia Quartim. O cartaz pertenceu a Mário Cruz; o evento teve balanço nas páginas da revista (n.º 36-37, Junho, 1985, p. 112).

Ao longo de quatro décadas a revista apresenta por força diferenças. Registe-se antes de mais a existência de duas séries, a primeira entre 1974 e 1991, num total de cinquenta e cinco números em dezoito anos, e a segunda entre 2001 e o presente ano, com dezasseis números em treze anos. Entre 1992 e 2000 a revista cessou a edição normal, editando apenas uma folha anual, não destinada a venda comercial, sem preço de capa, sem série e sem número, destinada em exclusivo a reservar o título da publicação. Não obstante, quer na primeira série quer na segunda, não se depara com qualquer homogeneidade e dentro de cada uma das séries encontram-se diferenças assinaláveis, a começar pelos subtítulos. Assim na primeira série a revista surge em Paris com o subtítulo de *órgão anarquista específico de expressão portuguesa*, que manterá até ao número 10, Primavera de 1978, num conjunto de dez números, ao longo de cinco anos. O seguinte, o décimo primeiro, Outono de 1978, troca o subtítulo anterior por *revista de cultura e pensamento anarquista*, que se manterá até Outubro de 1989 (n.º 53), num total de quarenta e três números, em doze anos. No número seguinte, de Maio de 1990, novo subtítulo, desta vez *revista libertária*, que se manterá até 2012, número 70, em dezassete números publicados ao longo de vinte e três anos. Com o presente número, de 2013, mais uma vez se altera o subtítulo para *revista de cultura libertária*. As folhas intercalares entre as duas séries, vindas a lume entre 1993 e 2000, não ostentam título secundário. A revista apresentou assim quatro subtítulos diferentes (1974; 1978; 1990; 2013).

Em dois casos a alteração coincidiu com a mudança de director, como sucedeu na passagem do número 53 para o seguinte, ano de 1990, em que Miguel Serras Pereira substituiu João Freire, e agora sucede neste número; no caso que fica de fora, relativo ao Outono de 1978, a mudança do título secundário não coincidiu com qualquer mexida na direcção da revista, que tinha então por director Carlos Abreu. Abreu assumiu a responsabilidade da revista em Fevereiro de 1976 (n.º 4) e permaneceu na função até Junho de 1980 (n.º 17). A fundação, em Paris, pertenceu a João Freire e a primeira direcção portuguesa, no terceiro número, a João Oliveira; antes, em Paris, nos dois primeiros,

a revista teve apenas um responsável editorial (Germain Parès); Freire, o fundador, assumiu a direcção no Outono de 1980 (n.º 18-19), abandonando-a em 1990, dando lugar a Serras Pereira, para de novo regressar em 2001 e de novo a abandonar em 2013. As folhas anuais, dadas a lume no final do século passado e que salvaguardaram o título, tiveram também a direcção de João Freire.

As estas flutuações juntam-se as modificações de formato. A revista começou por ser um desdobrável publicado em Paris e evoluiu depois, ainda em França, no final de 1974 (n.º 2), para um caderno agrafado, de capa cartonada, a uma cor, montagem e composição artesanais, ilustrações curtas, pouco mais que as fotografias dos biografados. Os meios de difusão eram parcos e a circulação circunscrevia-se às assinaturas e à divulgação militante. Essa primeira fase, a coincidir sobretudo com a direcção de Carlos Abreu, durou até 1980 (n.º 18-19), momento em que Freire assumiu a responsabilidade da revista; com o número duplo de 1980, as alterações gráficas foram grandes. A publicação, sem tocar nas dimensões, abandonou a confecção manual, ganhando volume e composição profissional. A revista até às mudanças de 1980 apresentava em média cerca de três dezenas de páginas – chegou a ser uma brochura de vinte e seis páginas (n.º 9) – e depois delas passou sempre da centena, chegando mesmo à centena e meia com o número duplo de Dezembro de 1982 (n.º 26-27). Na nova fase o regime de distribuição da revista não se alterou assim tanto em relação ao anterior, se bem que o número de assinantes, a par dos colaboradores, se alargasse. Sobre a tiragem encontramos informação em Abril de 1982 (n.º 24-25, p. 116), apontando para uma tiragem de mil exemplares, superior pois à anterior.

A nova fórmula, aprofundada ao longo de dez números, o último em Maio de 1983 (n.º 28-29), chegou a termo com o duplo de Outubro de 1983 (n.º 30-31), voltando a revista a sofrer nova reviravolta gráfica. Troca-se o formato clássico por um maior, introduzem-se mais imagens, cuida-se da composição, alivia-se a mancha, apresenta-se uma revista muito extremada do ponto de vista artístico. Estas modificações, que durarão até Outubro de 1985 (n.º 38-9), são acompanhadas por outras. A revista, que começara por ter apenas um responsável, e ganhara na Primavera de 1981 (n.º 20-21) um *colectivo coordenador*, colaboradores e correspondentes, passa a ter com a nova fórmula, editores, colaboradores, correspondentes, coordenadores de número e até um responsável gráfico (Vasco Rosa), num total que subiu a cerca de vinte pessoas. Nesta época a revista alargou a audiência, duplicou ou triplicou a tiragem, ganhou distribuição livreira, captou novos assinantes e colaboradores, como Fiama Hasse Pais Brandão, com texto memorável, “História: o Direito à Alucinação” (n.º 30-31), ou Mário Cesariny, que publicou inéditos seus, de António Maria Lisboa e de Fernando Alves dos Santos. A cooperativa editora Sementeira, surgida em 1977, em associação com a revista, desenvolve nesta época parte da sua actividade, chegando a 1985 com cerca duma dezena de livros e várias brochuras em catálogo; a partir do número 32-33, Inverno e Primavera de 1984, a cooperativa passou a ser expressamente a entidade gestora da revista.

O novo modelo, que estabilizou com um conselho de redacção e um leque alargado de colaboradores permanentes, durou até Junho de 1986 (n.º 40-41), momento em que se dá nova alteração gráfica, por abandono da tipografia em que a revista desde 1975 era impressa, isto com um curto interregno (n.º 5, 1976), a Gráfica 2000, na Cruz Quebrada. Os meios da nova gráfica, a empresa Ramos, Afonso & Moita, na rua Voz do Operário, sem fotocomposição, condicionaram o formato, que diminui, e obrigaram a mudanças na mancha, com um texto limpo de ilustrações, sem com isso deixar cair o cuidado artístico anterior. Apesar das alterações de forma, a revista permanece no essencial a mesma. O conselho de redacção pouco se alterou, os colaboradores ficaram quase os mesmos, a distribuição livreira continuou; de igual modo prosseguiu a ligação à cooperativa Sementeira. Uma alteração apenas: a partir do número 50 a revista passou a ser *edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura*, apoio que durou até à saída de Freire da direcção. Os

números dirigidos por Serras Pereira, salvante o patrocínio, que desaparece, não introduzem quaisquer alterações formais.

Chegou depois disso o período intercalar, em que a revista suspendeu a publicação e apenas se editam os números simbólicos para assegurar a posse do título. A cooperativa Sementeira, responsável anterior pela edição, é dissolvida em Outubro de 1992. Quando se dá o regresso, em 2001 (n.º 56), a fórmula adoptada será por força diferente. Em lugar dum conselho de redacção, ajudado por um grupo de colaboradores e de correspondentes, surge apenas um responsável, João Freire, que se assume como editor e administrador da revista. A par destas, outras modificações têm lugar. A revista ajusta o formato, perde a periodicidade, diminui o volume (o n.º 56 tem trinta e quatro pp.), deixa a distribuição livreira e baixa a tiragem para trezentos (n.º 56) ou mesmo duzentos (n.º 70) exemplares.

As alterações de subtítulo, as mexidas na direcção ou as mudanças no formato, na apresentação gráfica ou na tiragem não me parecem porém capazes de por si só justificarem diferenças de ideário. As mudanças atrás reportadas não coincidem com estas últimas. Assim a revista que sofreu as alterações de formato no ano de 1980, que tanto lhe mudaram o aspecto, é em substância a mesma de antes. Do mesmo modo, as alterações formais que decorreram da mudança de tipografia em 1987 não trouxeram nenhuma mudança de conteúdo. As diferenças de ideário, a existirem, não seguiram alterações de forma nem trocas de responsáveis. A revista feita por Freire depois da melhoria gráfica de 1980 não apresenta diferenças assinaláveis para com aquela que Abreu orientou, pelo menos a partir de 1977 (n.º 9), em que a luta anti-nuclear chegou à revista. De igual forma a mudança que ocorreu em 1990, com Serras Pereira a substituir Freire, não dá lugar a alterações significativas; a revista ficou a bem dizer a mesma no grafismo, nas colaborações, na orientação. Por isso no momento da despedida, João Freire podia adiantar: *Julgo que nada de fundamental separa as minhas ideias e aspirações das do Miguel Serras Pereira.* (n.º 54, p. 3) E caso separasse, o tempo curto foi para o manifestar, pois o novo director só tirou à sua responsabilidade dois números semestrais, ambos em 1990.

Pergunta-se: fora das alterações formais, houve ou não diferenças de ideário no percurso da revista? E havendo, como e onde se tornam elas perceptíveis? Tomando os primeiros números que a revista publicou e os derradeiros logo salta à vista, além das alterações gráficas, as diferenças de significado. A revista inicial não coincide com a final. Como exemplo, tome-se o primeiro número, publicado em Paris. Trata-se dum desdobrável, cujo reverso é ocupado com um único tema, o grupo de afinidade anarquista, em quatro textos (Murray Bookchin, Diego Abad Santillán, Ricardo Sanz e Miguel Garcia) e o verso com uma citação de Bakunine, outra de Léo Ferré, um historial da *bandeira negra* anarquista, uma bibliografia sobre a Guerra Civil espanhola e a C.N.T., duas biografias (Mário Castelhana e Camilo Berneri) e um editorial "Como iamos dizendo" que começa assim, *o anarquismo nunca morreu em Portugal*, e assim finaliza: *[A Ideia] define-se como órgão específico reclamando-se abertamente do Anarquismo Social, de uma linha de conduta muito precisa que passa por Bakunine, Malatesta e Berneri e se realiza nos momentos de maior vigor colectivo das revoluções mexicana, russa e espanhola.* Pegue-se agora no número 70, publicado em 2011, e passe-se o índice. Dos muitos textos publicados, apenas um respeita a autor libertário reconhecível, Max Stirner. Salvante um outro sobre Camus, nenhum dos restantes comporta qualquer referência arregimentada. As diferenças entre os dois números não podem porventura ser maiores. Dum lado está uma revista de todo empenhada na propaganda libertária, e que a si mesma se vê como *órgão anarquista específico*, e do outro encontramos uma publicação que, embora *libertária*, acolhe nas suas páginas um leque de colaborações que nada têm a ver, pelo menos de forma explícita, com a propaganda de tais ideias. O

que daqui se pode inferir é que a revista em cerca de quarenta anos trocou, por vontade própria, marcas ideológicas por lastro cultural.

Paga a pena perceber como se deu tal processo. O tipo de revista atrás descrita, durou até ao Outono de 1977 (n.º 7); o modelo inicial manteve-se pois intacto cerca de três anos. O número seguinte, temático, "Ecologia & Anarquia", é porventura o momento em que o paradigma abriu as primeiras fissuras. Em lugar de se insistir no património anarquista clássico, centrado em exclusivo na luta de classes, temos um tema novo, a ecologia. Com esse número surge pela primeira vez no horizonte da revista algo mais do que aquilo que decorria de Bakunine, de Malatesta e Berneri ou dos *momentos de maior vigor colectivo das revoluções mexicana, russa e espanhola.* Essa primeira fissura tem porém um valor quase só simbólico; o que por ela então passa é muito menos importante do que aquilo que fica em aberto, à espera de nova oportunidade. Logo depois (n.º 11, Outono, 1978), a revista altera o subtítulo, que passa a *revista de cultura e pensamento anarquista*, sem com isso, como se diz no editorial, *se desviar do projecto inicial.* É também nesse número que surge um texto programático, "O que nos Distingue", sem autor, que retoma aspectos do primeiro editorial, incluindo as referências a Bakunine, Malatesta, Berneri e às revoluções mexicana, russa e espanhola. O texto será dado à estampa, sem mudanças a notar, em cada número da revista até Novembro de 1980 (n.º 18-19), neste último já dentro das mudanças de formato e de paginação atrás noticiadas.

Assim como assim aquilo que chegara à revista com a *ecologia* não mais sai; a revista mostra-se aberta a linhas inovadoras, que não entram nas contas do velho anarquismo. Exemplo é a capa do número seguinte (n.º 12, Inverno, 1979), que, tendo como pano de fundo um tema indiscutível do anarquismo, *federalismo*, pulveriza-o depois assim: *Índios, ibéria, madeira, occitânia, autonomia, europa comunidades, perversões nacionalistas, açores.* Ou a do seguinte (Verão, 1979), talvez ainda mais marcante, em que o lema *lutas de hoje e amanhã*, que a ocupa, é identificado não com as lutas do agente clássico transformador do anarquismo, o proletariado, mas com as aspirações dos pacifistas, dos ecologistas e das feministas.

Chegaram depois, em Novembro de 1980, as alterações formais, quer no formato, quer na direcção, sem que isso pareça corresponder a qualquer diferença de ideário. O tema forte desse número é o sindicalismo, com uma mesa-redonda em que participa Emidio Santana, um artigo de Juan Gómez Casas, o primeiro secretário-geral da C.N.T. depois do fim do franquismo, um artigo de Acácio Tomás de Aquino sobre o Sindicato Único da Indústria da Construção Civil, um dos mais activos da antiga Confederação Geral do Trabalho, um trecho de Neno Vasco, porventura o mais importante teórico do anarco-sindicalismo português, e duas biografias, a de Alexandre Vieira e a de Fernand Pelloutier, este pai do sindicalismo de acção directa, aquele pai do sindicalismo operário em Portugal.

Na Primavera de 1980 (n.º 20-21) o quadro programático "O que nos Distingue", presente desde 1978, é substituído por novo texto, "Plataforma Editorial", mais centrado na edição da revista, com menos preocupações ideológicas, presentes todavia na abertura, onde se aponta a *vontade de compreender a realidade social e de nela agir no sentido de soluções libertárias.* Os anteriores alinhamentos desaparecem, dando lugar a alusões gerais, que extravasam o anarquismo, como *liberdade e solidariedade.* Mais do que uma revista de propaganda, *A Ideia* propõe-se um espaço de *reflexão sobre os mais variados temas contemporâneos, sociais, ecológicos, culturais, económicos, políticos, locais e internacionais,* abrindo as páginas à colaboração de não libertários. O anarquismo continua a ter lugar, mas visando agora menos o proselitismo do que a investigação e o estudo. Com este novo quadro a revista criou as condições para o salto qualitativo que deu em Outubro de 1983 (n.º 31-32), diversificando as colaborações, alargando o número de assinantes, subindo a tiragem, apurando a apresentação, penetrando no circuito livreiro. O texto em causa manteve-se até ao número duplo de Outubro de 1983, onde ainda surge sem qualquer alteração. No seguinte (32-33), em Abril de

1984, o parágrafo de abertura muda, atenuando aqui e ali dicotomias, mas sem perder a vontade de intervir, propondo outras lógicas económicas e políticas que tragam o sinal de uma cultura e de valores libertários; o restante – colaboração, temas, questões editoriais – não sofre mexida. O mesmo parágrafo terá novas alterações, embora menos de significado que de forma, no Outono de 1986, quando da troca de tipografia. Desta vez (n.º 42-43) haverá também mexidas nos pontos da “plataforma”, assumindo-se pela primeira vez o promover formas de criação estética, terreno em que os números anteriores muito se haviam empenhado.

Esta versão da “Plataforma Editorial”, cujo antecedente remonta ao Outono de 1980, durará até Outubro de 1989 (n.º 53), último número da responsabilidade de João Freire. O número seguinte, tutelado já por Serras Pereira, substitui-o por documento inédito, “Nova Plataforma Editorial”. A revista trocou ainda o subtítulo que trazia desde 1978, revista de cultura e de pensamento anarquista, por revista libertária, que não mais perderá até 2012. Observando hoje a nova plataforma editorial, mau grado a novidade formal, não nos parece que em substância ela divirja da plataforma anterior, nas suas três versões (1980; 1984; 1986). Porventura por isso a revista orientada por Serras Pereira foi a mesma da tutelada por Freire – e isto que se disse para o aparato, agora se diz para o conteúdo. O facto não surpreende, se avaliarmos o importante papel que o novo director tivera na feitura da publicação anterior, pelo menos desde 1983, e se pensarmos que aquilo que o dividia do antigo director era afinal muito menos do que aquilo que a ele o unia. Demais o tempo que dispôs para orientar a revista foi demasiado curto, menos dum ano, para afirmar qualquer diferença de monta.

Não obstante a continuidade, o nó conflituoso que originou a saída de Freire e a entrada de Serras Pereira é pertinente para a percepção do ideário da revista e das suas diferenças. A mudança teve origem num texto dado a lume por Serras Pereira no número de Maio de 1989 (n.º 51-52), “Crise de Ideias n’A Ideia?”, um dos raros embriões de polémica que se depara na publicação, pelo menos interna, em que se questiona a partir do editorial do número anterior (n.º 50, Janeiro, 1989), “Algo de Novo na Frente Oriental”, o rumo recente da publicação. Que se diz num texto e noutra? O editorial aplaude os eventos que por então tinham lugar na Polónia e que levaram depois à queda do muro de Berlim (Novembro, 1998) e ao fim da U.R.S.S. (Dezembro, 1991); o texto de Serras Pereira, sem contestar a importância dos factos, discorda que eles signifiquem a supremacia do bloco ocidental sobre o “socialista”, como o editorial podia dar a entender. Avança assim com o traço de descaracterização da revista, ou da crise das ideias n’A Ideia, que levou que o responsável da publicação pusesse então o lugar à disposição.

A mexida na direcção e na redacção não foi porém suficiente para a revista encontrar uma orientação distinta e superar o mal-estar que o texto de Serras Pereira abria. No momento em que a cooperativa Sementeira se dissolvia, a U.R.S.S. desaparecia. Nada mais errado porém que fazer valer qualquer equivalência entre os dois factos. A Ideia não nascera por causa do “socialismo real” nem lhe devia qualquer parcela da sua alma. O anarquismo social da revista, que fora em 1974 o sinal genético do seu parto, não tinha qualquer afinidade, nem próxima nem longínqua, com o que se passara no leste da Europa; o socialismo que nele estava em jogo não tinha raiz em Marx mas em Proudhon; também o foco revolucionário não residia no bolchevismo mas no sindicalismo de acção directa. Talvez assim se entenda a salvaguarda do título e se possa compreender melhor o reaparecimento ulterior, em 2001, da publicação. Assim como assim, não deixa de fazer sentido pensar que o furacão de leste tenha carregado alguma perturbação e paralisia no núcleo mais coeso e antigo da revista, em primeiro lugar em torno da ideia de revolução. Vale a pena reler a derradeira brochura que o grupo editou (1992) e em especial o texto de João Freire, “Ensaio de Análise das Razões de um Encerramento” (1992), onde se retomam, agora no quadro dos novos conflitos mundiais (intervenção no Iraque), algumas das ideias do editorial já referido, “Algo de Novo na Frente Oriental”, de Janeiro de

1989. Mas também neste caso qualquer paralelo com os “comunistas” que na sequência do naufrágio dos soviets se social-democratizaram se mostra desajustado. Fazer um tal paralelo é passar ao lado do código genético da revista, que não comporta, a não ser de forma forçada, comparações deste tipo.

O anarquismo é por si só um vasto campo de ideias, e até de acções, controverso como nenhum outro, muito diverso entre si, que chega para explicar, sem mais, as flutuações que vemos em jogo no embrião polémico que se estabeleceu em 1989 no seio do grupo editor e as ideias que se desenvolvem no texto de Freire depois no momento da dissolução do grupo (1991). Não é ocasional,

nem indiferente para aquilo que aqui se joga, o paralelo que Freire traça no seu texto entre as posições que então toma, na crise do Golfo, e as posições alinhadas, anti-germanistas, pró-francesas assumidas por uma parte do movimento libertário internacional em 1914.

Os ventos da perestroika podem ainda ter empurrado alguns membros da revista a reavaliarem certas manifestações da acção anarquista, como a decorrente da intervenção da C.N.T. espanhola no governo de Largo Caballero (Novembro, 1936) – objecto de demorado estudo de João Freire (“Espanha: Veemência e Violência”, n.º 65, Outubro, 2008). Ou porventura nem isso, pois a atenção no tema da reforma vinha já da Primavera de 1981 (n.º 20-21), antes pois da crise a leste, e o problema espanhol fora objecto de pasta temática em Junho de 1986 (n.º 40-41), onde o mesmo João Freire dá a conhecer o percurso de Angel Pestaña, Horacio Prieto e Germinal de Sousa, que advogaram os três a necessidade duma articulação política, de tipo partidário,

para o movimento libertário organizado. E não se olvide que já no Verão de 1980 (n.º 17, supl.), numa altura muito recuada da sua vida, a revista dava a lume um programa libertário, Alternativa Imediata, inspirado em Paul Goodman, em que se defendia o gradualismo libertário de um Proudhon, de um Kropotkine ou de um Gaston Leval, avançando com a ideia de que o debate ideológico reforma-revolução é cada vez mais desinteressante e (...) um falso problema, pois o que importa são mutações sociais que alarguem a esfera da autonomia própria dos indivíduos e das comunidades (...), sendo de menos importância as formas (reformas, revolução...) que essas mudanças assumirão (p. 3).

No seio deste debate, reforma e revolução, é indispensável recordar os eventos que se ligam a uma das mais empenhadas e laboriosas cooperantes da Sementeira, Maria de Lurdes Rodrigues, que deu também um contributo inestimável ao nascimento e crescimento do Arquivo Histórico-Social, hoje na BNP. Depois da dissolução da cooperativa em 1992, Maria de Lurdes Rodrigues integrou o primeiro governo de José Sócrates, na pasta da educação. O evento, a alguma distância, e numa época em que A Ideia já deixara de ser uma estrutura colectiva com estatuto jurídico, pôde porém criar algum mal-estar em colaboradores antigos da revista, em primeiro lugar Miguel Serras Pereira, responsável pelos dois últimos números (1990) antes da dissolução da cooperativa. Serras Pereira regressou como colaborador em 2001, na reabertura; depois em 2005, com o caso de Lurdes Rodrigues, afastou-se. O que importa neste caso será esclarecer que a passagem pelo governo da ex-cooperante da Sementeira foi da sua inteira responsabilidade e em nada empenhou a revista, que nunca lhe dedicou, nesse seu trajecto, qualquer palavra de apoio ou de crítica, pois nisso nada a revista punha de si, se

A IDEIA

Publicação
lançada em 1974

Publicação
destinada
à visão colectiva

Precedente
anual

SUMÁRIO:

Uma explicação
Razões de um encerramento
Contas de «A Ideia»
Índice geral (1990-1991)
Catálogo

1992

bem que tenha recebido, e de braços abertos, no período em que a ex-cooperante ocupava pasta no governo, a colaboração de Miguel Real – mas recebeu-o no seio dos colaboradores não por ser ele um dos críticos da ministra, que pretendeu retratar com traço *realista* num romance, mas por o seu contributo parecer à revista, além de generoso, valioso. Neste passo, o do percurso de Maria de Lurdes Rodrigues, a revista *A Ideia* ficou à distância, com inteira isenção, consciente de que o assunto não lhe dizia respeito. Se é possível, e se vale o papel gasto, ter neste caso hoje uma posição, ela é a de continuar a manter a distância firme e leal que nos permitiu no passado recente acolher no seio da revista Miguel Real – posição que se quer firme o bastante para esperar voltar no futuro a acolher colaboração de Serras Pereira, a quem sempre se agradecerá o muito que no passado fez pela revista. *A Ideia* tem sido sobretudo uma revista libertária de pensamento e de criação poética. Caso fosse um jornal destinado a comentar a realidade do dia-a-dia decerto teria tomado posição diferente diante de Lurdes Rodrigues, abrindo as suas páginas a textos críticos, sem por isso as fechar a réplicas de sinal contrário. O papel dos responsáveis da publicação é sempre e em qualquer caso o de assegurar o princípio sagrado da *liberdade*. Veja o leitor que este princípio norteou o número que tem entre mãos, no capítulo do surrealismo, levando-nos a aceitar, sem preocupações de alinhamentos políticos, religiosos ou outros, colaboração de gente muito diversa. O critério estabelecido foi tão-só o do interesse que os textos apresentavam na perspectiva do estudo e do conhecimento do surrealismo entre nós.

Sobre as continuidades e descontinuidades que passam pela revista não parece haver muito mais a dizer. Elas atravessam as quatro décadas da revista e estão sempre presentes. Por vezes aquilo que faz a continuidade, como o permanente interesse e a constante ligação ao anarquismo, é também aquilo que faz a descontinuidade, pois o anarquismo não tem sempre na revista o mesmo sinal; a princípio por exemplo selecciona a propaganda revolucionária, depois interroga-se, numa posição que tanto tem de reflexiva como de defensiva, sobre os resultados da revolução, sem contudo afastar a necessidade de *mutações sociais*. Quer dizer, no início do seu percurso a revista entrega-se à propaganda, depois à investigação e ao estudo. Entendem-se assim melhor as alteridades que resultaram do confronto entre o número de 1974 e o de 2012. Será porém enganador encarar tais diferenças à luz de polaridades como *reforma* e *revolução*, *democracia* e *anarquia*, *realidade* e *utopia*, tomando como ponto de viragem o ano de 1989, em que as dessemelhanças se desenharam nítidas. Para bem dizer, *A Ideia* nasceu com dois cromossomas distintos, um revolucionário, concorde com a mudança que se vivia em Portugal no horóscopo do seu nascimento, a Revolução dos Cravos, e outro menos activista e militante, reflexivo e indagador, aberto à inovação, como logo se vê no primeiro número no texto contra-cultural de Murray Bookchin. Com a mudança da sociedade portuguesa na década de oitenta, seguida logo pelas transformações a leste, este segundo factor acabou por se impor no trajecto da publicação, tornando-se marcante na caracterização de boa parcela do seu itinerário, que não saindo do campo libertário, e até dentro deste da tradição que era a sua, o *anarquismo social*, se empenhou todavia em questionar as *verdades* da sua família, procurando segmentos da sua história pouco valorizados – e estão nesse ponto os dois textos de Malatesta, dados a lume em suplemento ao n.º 55, o derradeiro da I série – e não hesitando em dela se afastar quando a natureza dos factos assim o impunha. Neste périplo é possível que alguma coisa nova tenha nascido, substituindo o primitivo *anarquismo social* da revista, de tradição anarco-sindicalista ou sintetista (F.A.I.), pelo que podemos designar por *anarquismo cultural*, uma noção própria porventura à vida da publicação, sem tradição entre nós, e que de futuro procuraremos esclarecer melhor.

Se quisermos traçar um balanço destes quase quarenta anos de vida, com mais de setenta números publicados, diríamos que *A Ideia* foi desde o seu início uma revista libertária inovadora, capaz de discutir com abertura o passado e encarar com criatividade o futuro, sem prisões de dogmas e de

verdades indiscutíveis, que se esforçou por dar um contributo sério para a actualização do anarquismo. Não é forçado dizer que a revista está ao nível das melhores publicações mundiais da sua área, ombreando com projectos editoriais de grande qualidade filosófica e social, alguns já desaparecidos, como as revistas *Voiontá* em Itália ou *Anarchy* em Inglaterra (sobre esta há resenha bibliográfica n' *A Ideia*, n.º 26-7, Dezembro de 1982). Nomes como Paul Goodman, Colin Ward, Murray Bookchin, Howard J. Erlich, John Mc Ewan, Ronald Creagh, Nico Berti, chegaram, ou quase, à língua portuguesa por causa d' *A Ideia* e porventura sem ela ficariam mais longe do público português. Este possante trabalho teve um rosto, João Freire, fundador da revista e seu animador de sempre, isto sem menosprezar o contributo dum vasto grupo de pessoas, a começar pela cooperativa Sementeira, adjuvada pelo embrionário Circulo de Estudos Neno Vasco, fruto do mesmo esforço e que, se não deu outros resultados, veio a ser um dos esteios do Arquivo Histórico-Social, na Biblioteca Nacional (BNP), onde se reúne hoje o mais rico acervo relativo ao anarco-sindicalismo português e donde há pouco saiu o projecto MOSCA, de que em outras partes desta revista se dá ao leitor notícia mais desenvolvida (v. texto de João Freire e Paulo Guimarães e "Arquivo" final).

A Ideia não foi porém uma revista apenas de ideias, isto por muito que se tenha empenhado em divulgar, em investigar, em estudar e em actualizar uma tradição reconhecível de pensamento. Foi também uma revista voltada para a criação poética e pictórica, onde encontrou uma manifestação natural do seu génio próprio. Em tal campo, que muito cresceu após as mudanças de 1980, a revista reúne um vasto número de colaborações, de Cesariny a Fiamma, de Cinatti a João Rui de Sousa, que nada devem ao que de melhor nesse domínio entre nós se publicou na mesma época e que bastam para a justificar como uma das mais assinaláveis publicações das últimas quatro décadas.

Com este número duplo *A Ideia* sofre novas alterações de formato e novas mexidas na direcção. É cedo porém para dizer se estas correspondem a modificações de orientação. Uma coisa parece segura: o contexto interno e externo em que a revista agora surge não é de modo nenhum aquele em que teve lugar a dissolução da cooperativa Sementeira. A mundialização do mercado, a circulação sem entraves do capital, a deslocação do trabalho para áreas geográficas onde impera a *escravatura* descarada, as políticas de austeridade, a ganância dos especuladores, as guerras e as intervenções no mundo árabe vieram temperar a euforia de então e mostrar de novo a face sinistra da democracia associada ao capital financeiro. Mas se isto é seguro, temos outrossim por certo que o valor cultural da revista, o seu *anarquismo cultural*, já atrás apontado, granjeado pelo seu anterior responsável, é um legado inestimável que será sempre nosso credor e ao qual nos queremos fiéis.

António Cândido Franco